

UMA VIDA DIFERENTE: ADOLESCÊNCIA, FUTURO E VIOLÊNCIA FAMILIAR

Elisa Corbett

Tania Maria José Aiello-Vaisberg

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo iniciar a apresentação de considerações teórico-clínicas acerca do imaginário sobre o futuro de meninas adolescentes em situação de violência familiar. Tal material faz parte de uma pesquisa maior, que se propõe a investigar este imaginário articulado à sua experiência emocional. Metodologicamente, realizamos atendimentos psicológicos individuais psicanaliticamente orientados a dez meninas adolescentes de famílias conflituosas, durante os quais fizemos uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. O material derivado foi registrado sob a forma de narrativas transferenciais ficcionais inspiradas nos dramas vividos pelas participantes, nas quais incluímos os desenhos-estórias. Consideradas à luz do método psicanalítico, tais narrativas permitiram a produção interpretativa de três campos de sentido afetivo-emocional relativos ao imaginário sobre o futuro: “Redenção”, “Nova Família” e “Ascensão Social”. O quadro geral indica a presença de um imaginário em cuja vigência a esperança de deixar de sofrer violência é depositada na possibilidade de afastamento dos maus hábitos, por parte da adolescente, na constituição de novos núcleos familiares e na superação da pobreza e da conseqüente ausência de oportunidades. O trabalho prosseguirá por meio da articulação desses achados àqueles relativos à experiência emocional e do estabelecimento de interlocuções reflexivas sobre o conjunto dos resultados.

Palavras-chave: Violência na Família, Violência Doméstica, Adolescência, Psicanálise, Pesquisa Qualitativa.

Nesta comunicação, inauguramos a apresentação considerações teórico-clínicas relativas ao imaginário sobre o futuro de meninas adolescentes

em situação de violência familiar, produzidas como parte de uma pesquisa maior, dedicada à investigação deste imaginário articulado à sua experiência emocional⁷⁴.

O interesse no imaginário das participantes sobre o futuro se justifica pela compreensão de que uma adolescente é, essencialmente, alguém que se lança em direção da assunção de um lugar no mundo adulto, excetuando-se apenas os casos em que prejuízos muito grandes ao desenvolvimento físico e emocional impeçam esse movimento. Deste modo, assim como à adolescente que imagina que gostaria de tornar-se médica e que tem chances de acessar as oportunidades necessárias para tanto, coloca-se a questão de como construir esse caminho, concreta e emocionalmente, à adolescente que imagina que poderá ser agredida pelo futuro marido, por exemplo, e experimenta no seu cotidiano na família de origem evidências concretas de que essas situações acontecem, coloca-se a questão da transgeracionalidade da violência.

Compreendemos a transgeracionalidade da violência doméstica como uma questão complexa, que envolve uma variedade de situações, das quais elencamos três cenários possíveis. O primeiro seria aquele em que o(a) adolescente ou jovem adulto(a) oriundo de lares conflituosos reproduz este modo de vinculação nos relacionamentos amorosos e na constituição de um novo núcleo familiar (Calvete & Orue, 2013; Morris, Mrug, & Windle, 2015; Oliveira & Sani, 2009; Santos & Moré, 2011; Serpa, 2010; Temple, Shorey, Tortolero, Wolfe, & Stuart, 2013). A segunda possibilidade se referiria a situações em que o(a) filho(a) assume, ainda na adolescência, o lugar de autor de agressões contra familiares (Boxer, Gullan, Mahoney, 2009; Corbett, 2014; Cottrell & Monk, 2004; Kenney, Edmonds, Dann, & Burnett, 2010). Finalmente, desde o nosso ponto de vista, há a configuração de um o terceiro cenário, correspondente àquelas situações em que há o que podemos entender como transmissão de imaginários que marcam os modos de relacionamento e limitam as possibilidades de escolha do próprio caminho vital. Estes imaginários podem ser expressos, por exemplo, como uma crença de que “a conjugalidade inclui a

⁷⁴ Agradecemos ao CNPq o apoio recebido por meio de bolsa de Pós-Doutorado da primeira autora e de Produtividade em pesquisa da segunda.

violência”, sustentando tanto a possibilidade de sofrer agressões em silêncio quanto a de evitar a vitimização por meio na recusa dos relacionamentos amorosos. Se em âmbito individual a presença deste tipo de imaginário se coloca como sofrimento e limitação das possibilidades de ser agente do próprio destino, empobrecendo o viver, em âmbitos coletivo e social se apresenta como manutenção do substrato afetivo-emocional que sustenta a violência familiar, apontando para a sua disseminação nesta geração e reprodução nas gerações futuras. Tal fenômeno, que denominamos transmissão de imaginários, tendo em vista nossos pressupostos teóricos, tem sido abordado, no contexto da produção de conhecimento psicanalítico, como transmissão psíquica transgeracional, a partir de diferentes perspectivas, em uma ótica predominantemente metapsicológica (Gomes, 2005; Metz & Razon, 2015; Razera, Cenci, & Falcke, 2014; Rhebein & Chatelard, 2013).

Estratégias Metodológicas

Problemática altamente complexa e geradora de muito sofrimento e prejuízo em âmbitos individual, familiar, comunitário e social, a violência familiar vem sendo abordada, pela comunidade científica, a partir de diferentes perspectivas e delineamentos metodológicos. Tal diversidade, desde o nosso ponto de vista, é bastante salutar. Coloca, contudo, aos pesquisadores interessados no tema, sobretudo aqueles que trabalham a partir das ciências humanas, o desafio de produzir conhecimento não apenas rigoroso, ou seja, pautado no uso cuidadoso de métodos científicos adequados aos objetivos propostos, mas também apresentado à comunidade científica de modo claro, conciso, e que favoreça a interlocução com colegas pesquisadores das mais diferentes áreas. Neste sentido, a fim de manter a clareza, cabe explicitar os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a presente investigação.

Em concordância ao pensamento blegeriano, compreendemos a dimensão não consciente da experiência humana como essencialmente vincular (Bleger, 1963/1989). A partir desta perspectiva, o inconsciente é concebido como dimensão da experiência que provoca efeitos entre as pessoas, configurando ambientes humanos organizados por regras ou crenças que determinam o modo como a vida e o mundo são experimentados.

Denominamos estes ambientes humanos “campos de sentido afetivo-emocional”, compreendendo que tal denominação confere maior precisão conceitual. Este posicionamento é sustentado por um conjunto de estudos que demonstra o valor heurístico deste conceito na pesquisa qualitativa psicanalítica (Aiello-Vaisberg, Aiello-Fernandes, 2011; Barcelos, Tachibana, Aiello-Vaisberg, 2010; Corbett, 2014; Corbett et al., 2014; Gallo-Belluzzo, Corbett, & Aiello-Vaisberg, 2014; Granato, Aiello-Vaisberg, 2013; Pontes, Barcelos, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2010; Pontes, Cabreira, Ferreira, & Aiello-Vaisberg, 2008; Ribeiro, Tachibana, Aiello-Vaisberg, 2008; Tachibana, Ambrosio, Beaune, & Aiello-Vaisberg, 2014; Tachibana, Montezi, Barcelos, Sirota, & Aiello-Vaisberg, 2015).

Neste contexto, tanto experiência emocional quanto imaginário coletivo são conceitos com os quais delimitamos modos como pessoas e grupos vivenciam determinadas situações com que se defrontam. A denominação “experiência emocional” tem sido reservada para uso em investigações que consistem em um detalhamento da dramática vivida pelos participantes. Já a designação “imaginário coletivo” é utilizada em estudos que incidem diretamente sobre atos imaginativos, que certamente se relacionam profundamente com a experiência, tanto a guiando como dela derivando. Por exemplo, a forma como uma adolescente experimenta a situação de ser agredida pelo namorado está estreitamente vinculada ao seu imaginário sobre as relações amorosas, que, por sua vez, foi construído a partir das suas experiências emocionais, que podem, por exemplo, incluir o modo como experimentou as relações familiares durante a sua vida. Desta feita, o imaginário consiste em um recorte da experiência, operado pelo pesquisador a partir de seus objetivos de pesquisa.

Pautamo-nos, para tanto, no uso do método psicanalítico, concebido como forma de compreender fenômenos humanos a partir do uso da associação livre e da atenção equiflutuante. A associação livre pode ser definida, desde o nosso ponto de vista, como convite ao participante para que se expresse livremente. Refere-se à proposição de que o encontro com o pesquisador deve ser maximamente configurado a partir do modo de ser do participante (Bleger, 1972). Nesta perspectiva, reconhecemos que, ao se dispor

à atenção flutuante, o pesquisador mantém uma atitude de acolhimento e abertura existencial para a expressão subjetiva do participante.

Procedimentos investigativos

No que se refere ao **procedimento investigativo de configuração das entrevistas** a partir das quais se organiza esta pesquisa, foram realizados atendimentos psicológicos psicanaliticamente orientados a dez meninas adolescentes, entre quatorze e dezoito anos de idade, oriundas de famílias conflituosas pertencentes a camadas populares. Este coletivo correspondeu ao conjunto de meninas adolescentes, atendidas por uma de nós em uma organização não governamental dedicada à atenção a pessoas em situação de violência, que se dispuseram a participar da pesquisa e cujos responsáveis também autorizaram a participação, conforme projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP, sob número 1.140.053. A duração dos atendimentos e o número de encontros realizados com cada participante foram definidos de acordo com as necessidades clínicas e possibilidades concretas da participante e de seus cuidadores. Intencionamos, assim, oferecer amplo espaço para suas comunicações, permitindo que a pesquisadora pudesse aproximar-se de suas experiências, e proporcionar condições que favorecessem o seu benefício.

No contexto dos atendimentos psicanalíticos, em momento oportuno do ponto de vista clínico, fizemos uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999). Para tanto, solicitamos que desenhasse uma adolescente dos dias de hoje e, posteriormente, contasse uma história sobre a figura desenhada. Em seguida, pedimos que contasse uma história sobre essa adolescente no futuro. A pesquisadora se encarregou de anotar as histórias imaginadas pelas participantes, uma vez que muitos dos adolescentes com que temos trabalhado apresentam dificuldades bastante significativas de escrita.

O **procedimento de apresentação ou registro do material clínico** se deu a partir da elaboração de narrativas transferenciais ficcionais redigidas pela pesquisadora a partir das vivências contadas pelas participantes e de sua experiência nos encontros com elas (Ambrosio, Cia, Aiello-Vaisberg, 2010; Cia,

2014; Corbett, 2014). Tais narrativas consistem em estratégia metodológica alinhada à intenção de reduzir as possibilidades de identificação e auto identificação das participantes, eventualidade cada vez mais possível em tempos de disponibilização de publicações científicas na (Ambrosio; Cia; Aiello-Vaisberg, 2010). Enquanto a identificação por terceiros pode causar constrangimentos e embaraços, além de gerar prejuízos efetivos, a auto identificação deve ser evitada a partir da compreensão de que o encontro com considerações interpretativas sobre si mesmo, fora de um contexto de tratamento, pode gerar sofrimento emocional.

As narrativas transferenciais ficcionais foram criadas a partir de duas atividades simultâneas: a elaboração de uma narrativa transferencial sobre os dramas vividos pelas adolescentes e a transposição imaginativa. A primeira corresponde a narrar a lembrança dos encontros com as participantes (Aiello-Vaisberg, Machado, 2005; Aiello-Vaisberg, Machado, Ambrosio, 2003; Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron, & Beaune, 2009). A segunda consiste na tarefa de transpor os dramas vividos por elas para um tempo e um espaço inexistentes do ponto de vista da realidade fatural, mas semelhantes ao contexto em que vivem, preservando as dramáticas vividas. Seguimos, assim, as indicações de Ambrosio, Cia e Aiello-Vaisberg (2010), Corbett (2014) e Sirota (2003).

Em seguida, teve lugar o **procedimento investigativo de interpretação do material clínico**, colocado em marcha a partir do contato com as narrativas transferenciais ficcionais em estado de atenção flutuante, registrando nossas impressões por escrito, num processo de leitura e releitura. Posteriormente, tomamos em consideração o conjunto das narrativas, juntamente com nossas impressões a seu respeito, produzindo interpretativamente campos de sentido-afetivo emocional relativos ao imaginário sobre o futuro do coletivo de meninas adolescentes participante. Tal processo se completará, na investigação como um todo, pela produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional referentes à experiência emocional do coletivo abordado.

Esta pesquisa se completará a partir do **procedimento investigativo de interlocuções reflexivas**, correspondente à seção habitualmente intitulada **discussão de resultados**. Este processo, no momento apenas iniciado,

consiste na consideração dos campos de sentido afetivo-emocional produzidos interpretativamente em diálogo reflexivo com a literatura científica.

Resultados parciais

Até o momento, a consideração psicanalítica do material clínico sustentou a produção de três campos de sentido afetivo-emocional relativos ao imaginário sobre o futuro das participantes: “Redenção” , “Nova Família” e “Ascensão Social”.

O campo de sentido afetivo-emocional “Redenção” é organizado ao redor da crença de que a possibilidade de um futuro harmonioso depende da transformação do próprio mau comportamento atual. Exemplo de drama humano emergente a partir deste campo pode ser encontrado na história criada por uma das participantes, a partir do desenho que fizera tematizando uma adolescente dos dias de hoje:

“Essa menina chama-se Natasha e tem quinze anos. Ela tem quatro irmãos. Sai para a balada quase toda noite, todo fim de semana, só vai para o educandário quando quer, briga com a mãe, com o pai, com os irmãos e as irmãs. Ela é usuária de drogas, de tanto que os amigos insistiram para ela experimentar. Os pais foram falar com ela, mas ela disse que eles não tinham nada com isso. A mãe foi para o templo, onde tinha uma água santa, que veio de outro reino. Os pais e os irmãos da Natasha rezavam por ela lá, pedindo a Nosso Senhor que a livrasse das drogas e dos namorados errados. A mãe falou do templo para Natasha. Então ela pediu ajuda, e a mãe a levou para lá. Natasha foi se recuperando com a oração e aprendeu que só o filho de Nosso Senhor é o salvador, que o de lá de baixo só quer o mal. Ela dava testemunho, contando para os outros o que viveu e como se salvou. Depois de um tempo, Nosso Senhor revelou para ela que ela ia ser missionária e cantar louvor. Aos dezoito anos, Natasha tornou-se missionária e, depois de um tempo, cantora de louvor. Então conheceu o seu amor, Mateus. Ele também era missionário. Casaram-se. Ela pediu desculpas a todos os que tinha machucado no passado – a mãe, o pai e os irmãos. E

foi perdoada. Com Mateus, teve cinco filhos: Carol, Aline, Bianca Carina, Daniel e Noé. As crianças eram tranquilas e estudavam histórias do livro sagrado. Natasha e Mateus saíam para passear só os dois, não brigavam, davam-se bem. Viveram felizes para sempre e Natasha ficou bem velhinha, servindo a Nosso Senhor, dando testemunho e explicando para os outros o significado do batismo: você morre para o mundo e nasce para Nosso Senhor. E não importa o que você fez antes, Nosso Senhor te amará para sempre.”

O campo de sentido afetivo-emocional “Nova Família” é articulado ao redor da crença de que as vivências de violência podem ser superadas a partir da constituição de um novo núcleo familiar. No trecho abaixo, apresentamos parte do drama familiar de uma das participantes, emergente deste campo:

“Alguns anos depois, foi a vez da irmã engravidar, aos doze anos de idade. Revelou à família que esperava um bebê do namorado, oito anos mais velho, e foi morar com ele. Confidenciou a Dawn que não queria ser mãe tão cedo, mas precisou fazer isso para sair de casa. O namorado era carinhoso e atencioso. Preferia ter esperado mais alguns anos, mas queria mesmo viver com ele. (...)

A namorada do outro irmão de Dawn também engravidou, e ele foi morar com a família da jovem. Um dia, confidenciou a Dawn que fora, de certa forma, salvo por esta gestação. Andara envolvendo-se com coisas erradas e, depois de um encontro assustador com a guarda real, pensara na filha, ainda no ventre da jovem namorada, e percebera que precisava mudar de vida. Agora, seria pai, e isso mudava tudo: precisava cuidar de sua família. Com a ajuda do sogro, encontrou um emprego honesto, ainda que modestamente remunerado. Tornou-se um pai e esposo amoroso, como Dawn imaginou que seria.”

Finalmente, o campo de sentido afetivo-emocional “Ascensão social” organiza-se ao redor da crença de que a modificação das situações de violência se relaciona à superação da pobreza e da conseqüente ausência de oportunidades. Exemplo de drama humano sustentado por este campo pode

ser encontrado nos trechos abaixo, pertencentes às histórias sobre o presente e o futuro da personagem criada por uma das participantes, no contexto do uso do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema. Na história relativa ao presente,

“... O bairro em que vive não é muito bom, é de baixa renda. Ela não se envolve muito com as pessoas do lugar onde mora, prefere estudar longe e não se misturar, não ter muita convivência com os que estão ao redor dela. Mora com a mãe e a irmã. Ela gosta de sair com os amigos, de passear, sair de onde ela vive – da visão do bairro. Gostaria de ter outras opções, de ver outras pessoas, outra vida, de saber que não é só isso, que pode ser melhor: mais respeito, o bairro ser mais cuidado, não ter tanta desunião. Gostaria de resolver várias coisas, não só da vida dela como dos outros. Gostaria que os espaços por onde andam fossem mais abertos.”

Já no que se refere ao futuro,

“Ela e o Caio (namorado) casaram e tiveram dois filhos: um menino chamado Rafael e uma menina, a Camila. São gêmeos e têm cinco anos. Não é mole não. (...) Aos finais de semana, saem para fazer algo diferente, para passear, para ir na casa da avó. Ela procura dar uma opção para os filhos dela. No final do ano vão viajar... Ela quer um futuro diferente para os filhos, que eles tenham opção, possam ver se é aquilo que eles querem mesmo. Eles olham para as crianças e conseguem planejar. Ela consegue ter uma vida bem diferente da que ela tinha.”

Algumas considerações teórico-clínicas

O quadro geral indica a presença de um imaginário na vigência do qual a esperança de superação da violência é depositada na possibilidade de afastamento dos maus hábitos, por parte da adolescente, na constituição de novos núcleos familiares e na superação das condições de pobreza e da consequente ausência de oportunidades.

No que se refere ao campo “Nova Família”, destaca-se um imaginário esperançoso em relação às possibilidades de que os adolescentes, ou a “nova

geração”, possam superar a transgeracionalidade da violência a partir da assunção precoce dos lugares dos pais. Tal imaginário, que articula a conjugalidade e a maternidade/paternidade como estratégias de enfrentamento da violência na família de origem, sustenta condutas que podem gerar uma série de dificuldades práticas e agravos, relativos, por exemplo, à gravidez na adolescência. Também pode favorecer dificuldades nos relacionamentos conjugais, que tendem a ocorrer de modo precipitado e carregado pela expectativa de superação das vivências de intenso sofrimento atuais. Tal imaginário parece sugerir, ainda, um posicionamento desesperançoso face às possibilidades de transformação dos relacionamentos na família de origem.

O campo “Redenção” é relativo ao imaginário das participantes sobre o modo como se colocam diante dos outros e da vida. Tal posicionamento parece apontar para o reconhecimento a violência familiar como fenômeno que envolve conflitos nas relações entre as pessoas, e não apenas a soma de condutas agressivas por parte de um à experiência de vitimização por parte do outro. Mas também expressa um imaginário bastante conservador no que tange às relações de gênero, sobretudo no que se refere ao modo como, supostamente, deveria se portar uma mulher.

Finalmente, o campo “Ascensão Social” refere-se a situações de sofrimento claramente vinculadas a dinâmicas geopolíticas, sociais e econômicas. Tais sofrimentos, que se manifestam fundamentalmente por experiências de humilhação, injustiça, desamparo e violência, são geralmente pouco visíveis do ponto de vista social, mas deixam marcas profundas naqueles que vitimizam, conforme aponta a literatura especializada (Carreteiro, 2003; Gonçalves-Filho, 1998; Das, 1997, 2000, 2007; Renault, 2008).

O trabalho prosseguirá por meio da progressiva articulação desses achados àqueles relativos à experiência emocional e do estabelecimento de interlocuções reflexivas sobre o conjunto dos resultados.

Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Aiello-Fernandes, R. (2011). A experiência emocional de negros brasileiros: considerações preliminares. *Anais da IX Jornada Apoiar: violência doméstica e trabalho em rede: compartilhando experiências: Brasil, Argentina, Chile e Portugal* (pp. 168-175). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. *Trabalhos do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise*. São Paulo: Estados Gerais da Psicanálise. Recuperado em 05 de julho, 2013, de <http://serefazer.psc.br/narrativas-o-gesto-do-sonhador-brincante/>

Aiello-Vaisberg, T. M. J.; Machado, M. C. L.; Ambrosio, F. F. (2003). A alma, o olho e a mão: estratégias metodológicas de pesquisa na psicologia clínica social. In T. M. J. Aiello-Vaisberg, M. C. L. Machado e F. F. Ambrosio (Orgs.), *Cadernos ser e fazer: trajetos do sofrimento: rupturas, (re) criação de sentido* (p. 6-16). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Aiello-Vaisberg, T. M. J. ; Machado, M. C. L. ; Ayouch, T., Caron, R. ; Beaune, D. (2009) Les récits transférenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune (Org.), *Psychanalyse, philosophie, art: dialogues* (p. 39-52). Paris: L'Harmattan.

Ambrosio, F. F., Cia, W. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O acidente de Flic: apresentação do acontecer clínico como narrativa brincante. *Anais da VIII Jornada Apoiar: promoção e vulnerabilidade social na América Latina* (pp. 263-272). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Barcelos, T. F.; Tachibana, M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 85-96.

Bleger, J. (1963). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Bleger, J. (1972). *Temas de psicologia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1972.

- Boxer, P., Gullan, R. L., & Mahoney, A. (2009). Adolescents' physical aggression toward parents in a clinic-referred sample. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38(1), 106-116.
- Calvete, E., & Orue, I. (2013). Cognitive mechanisms of the transmission of violence: exploring gender differences among adolescents exposed to Family violence. *Journal of Family Violence*, 28(1), 73-84.
- Carreteiro, T. C. (2003). Sofrimentos sociais em debate. *Psicologia USP*, 14(3), 57-72.
- Cia, W. C. (2014). *Sonho desfeito: anencefalia e experiência emocional dos pais*. 2014. 114 f. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Corbett, E. (2014). "Contos sem fadas": mães e filhos em situação de violência doméstica. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Corbett, E., Ambrosio, F. F., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 756-765.
- Cottrell, B., Monk, P. (2004). Adolescent-to-parent abuse: a qualitative overview of common themes. *Journal of Family Issues*, 25(8), 1072-1095.
- Das, V. (1997). Language and body: transactions in the construction of pain. In A. Kleinman, V. Das, & M. Lock, (Eds.), *Social suffering* (pp.67-91). Berkeley: University of California Press.
- Das, V. (2000). The act of witnessing: violence, knowledge and subjectivity. In V. Das, A. Kleinman, M. Ramphela, & P. Reynolds (Eds.), *Violence and subjectivity* (pp.205-225). Berkeley: University of California Press.
- Das, V. (2007). *Life and words: violence and the descent to the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- Gallo-Belluzzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O primeiro atendimento clínico no imaginário de estudantes de psicologia. *Paidéia*, 23(56), 389-396.
- Gomes, I. C. (2005). Transmissão psíquica geracional e violência conjugal: um estudo de caso. *Boletim de Psicologia*, 55(123), 177-188.

- Gonçalves-Filho, J. M. (1998). Humilhação social: um problema político em psicologia. *Psicologia USP*, 9(2), 11-67.
- Granato, T. M. M.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clínica*, 25(1), 17-36.
- Kennedy, T. D., Edmonds, W. A., Dann, K. T. J., & Burnett, K. F. (2010). The clinical and adaptive features of young offenders with histories of child-parent violence. *Journal of Family Violence*, 25(5), 509-520.
- Metz, C., Razon, L. (2015). Violences conjugales et transmission transgénérationnelle. Que devient l'enfant témoin?. *L'Évolution Psychiatrique*, 80(3), 515-523.
- Morris, A., Mrug, S., & Windle, M. (2015). From family violence to dating violence: testing a dual pathway model. *Journal of Youth & Adolescence*, 44(9), 1819-1835.
- Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Porto)*, 6, 162-170.
- Pontes, M. L. S., Barcelos, T. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12, 85-96.
- Pontes, M. L. S., Cabreira, J. C., Ferreira, M. C., Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13, 495-502.
- Razera, J., Cenci, C. M. B., & Falcke, D. (2014). Violência doméstica e transgeracionalidade: um estudo de caso. *Revista de Psicologia da IMED*, 6(1), 47-51.
- Rehbein, M. P., & Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal*, 25(3), 563-58.
- Renault, E. (2008). *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte.
- Ribeiro, D. P., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira experiência clínica. *Aletheia (ULBRA)*, 28, 135-145.

- Santos, A. C. W., Moré, C. L. O. O. (2011). Impacto da violência no sistema familiar de mulheres vítimas de agressão. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 220-235.
- Serpa, M. G. (2010). Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 14-22.
- Sirota, A. (2003). *Figures de la perversion sociale*. Paris: EDK.
- Tachibana, M., Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Sirota, A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5, 47-49.
- Tachibana, M., Ambrosio, F. F., Beaune, D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem acerca da interrupção da gestação. *Ágora (PPGTP/UFRJ)*, XVII, 285-297.
- Temple, J. R., Shorey, R. C., Tortolero, S. R., Wolfe, D. A., & Stuart, G. L. (2013). Importance of gender and attitudes about violence in the relationship between exposure to interparental violence and the perpetration of teen dating violence. *Child Abuse & Neglect*, 37(5), 343-352.